

FORA

OS 5 OBSTÁCULOS DA ARQUITECTURA

DOGMA

A arquitectura é uma disciplina livre. Esta contradição reflecte a ambiguidade da profissão: desde que Corbusier definiu o futuro em 1923 (*Vers une architecture*) que estamos destinados a executar versões da sua profecia em diferentes graus de sucesso e observância. A arquitectura é uma disciplina dogmática.

PROJECTO

Para esta edição da Geração Z, convidámos cinco colaboradores a resolver cinco problemas (obstáculos), parte de um projecto mais amplo. O objectivo de cada participação é despoletar uma reacção e não a resolução de um problema. A resposta pode ser uma nova pergunta (um obstáculo ainda mais elaborado). Sem ficar preso ao problema inicial, cada obstáculo é também uma proposta.

FORMATO

Cada participante é livre de utilizar qualquer meio de expressão (desenho, 3d, maquete, texto...). A variedade de resultados gráficos afasta-nos de uma pré-determinação estética que contamine o conteúdo.

CO-AUTORIA

Alexandros Geroussis + Aleksandra Kiszkielis
 Carolina Sumares + Rik den Heijer
 Beth Hughes
 André Albuquerque
 Vassilis Oikonomopoulos

TRANSFORMAÇÃO

João Fagulha
 Raquel Oliveira
 João Ruivo



O objectivo é questionar a noção de habitar, num contexto que muito se alterou na última década. A fronteira entre domínio público e privado, onde a arquitectura teve um papel preponderante desde o início, desvaneceu-se com o crescente poder das redes sociais digitais. Estamos perante uma excelente oportunidade de dissecar a arquitectura como instrumento definidor do espaço. À escala de uma casa, podemos identificar 5 possíveis preconceitos/obstáculos: Janela : a casa é um domínio

privado, controlado pelo ocupante a partir do interior; Porta: o apartamento relaciona-se com a rua, pela porta, através da circulação (escadas, galerias, elevadores); Partição: dentro da casa, existe uma hierarquia de privacidade que separa as áreas funcionais; Cano de Esgoto: a janela relaciona o olhar com a paisagem, como o esgoto relaciona o ânus com o rio; Mobília: a casa é um elemento mole, feito de partições, mobília, corpos e fluidos, que preenchem uma estrutura.

1 JANELA

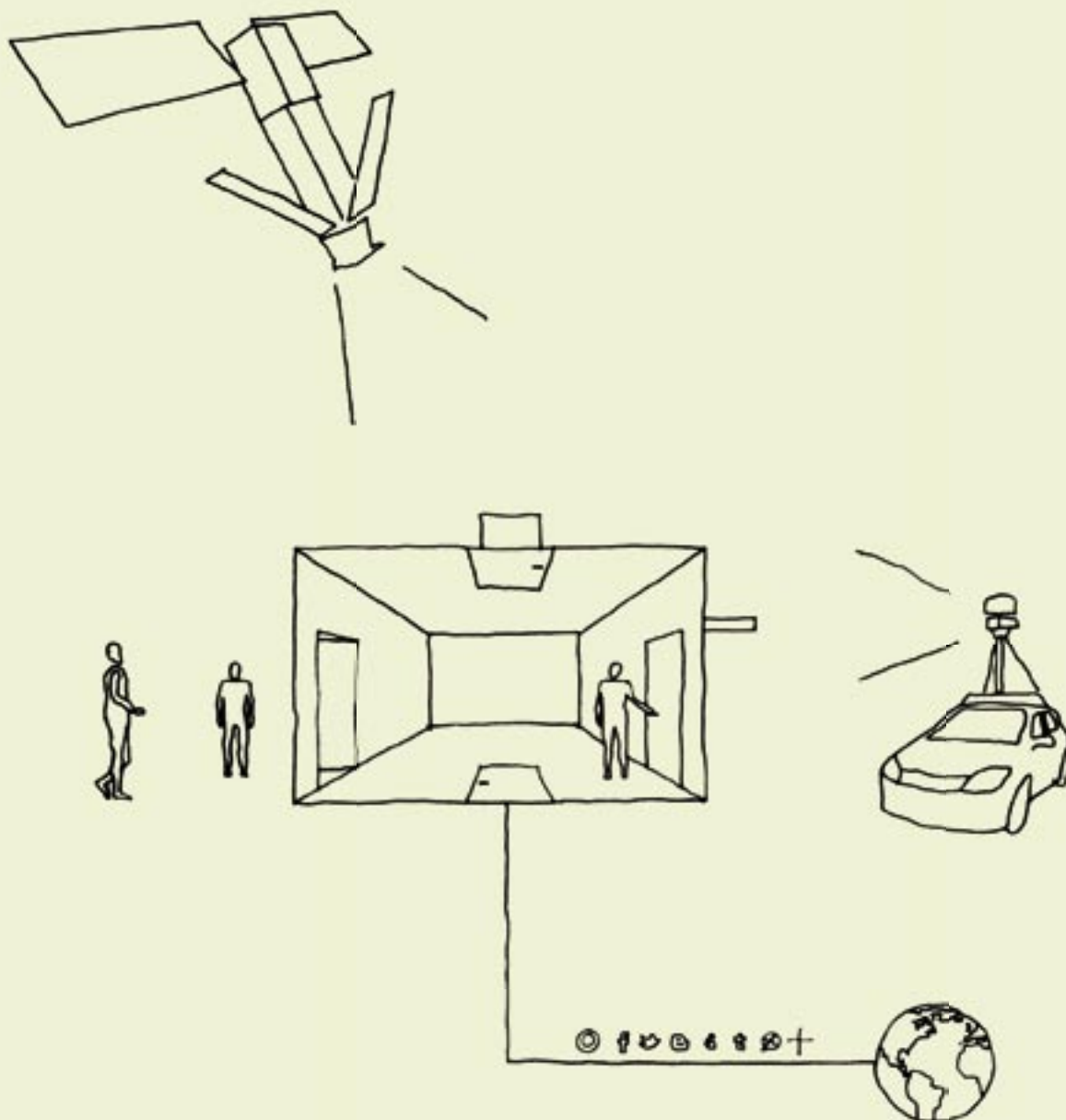


Na era da internet e do crescente poder das redes sociais, a arquitectura do habitar revela dificuldades em competir com a web. As formas revolucionárias modernistas surgem actualmente mais como um dogma do que como uma real necessidade.

A fronteira entre domínio público e privado tem sido diluída e obscurecida. O utilizador tem tanta necessidade do virtual como do real. Enquanto a janela apresenta uma só vista, a internet oferece uma enorme variedade de vistas e de possibilidades de interacção. A janela para a web abre caminho a muitos mais domínios privados da actividade humana.

Sugerimos uma resposta arquitectónica radical. Todos os compartimentos privados devem estar na fachada principal, à vista do espaço público. Uma resposta arquitectónica baseada na dicotomia do homem como voyeur e exibicionista, um ser humano com necessidade de uma verdadeira interacção e de contacto íntimo. No reino da obscuridade, a arquitectura activa um círculo vicioso onde o sujeito torna-se objecto, o público torna-se privado e vice versa. Sugerimos uma arquitectura de honestidade e transparência numa última, senão fútil, tentativa de enfrentar os seus predecessores.

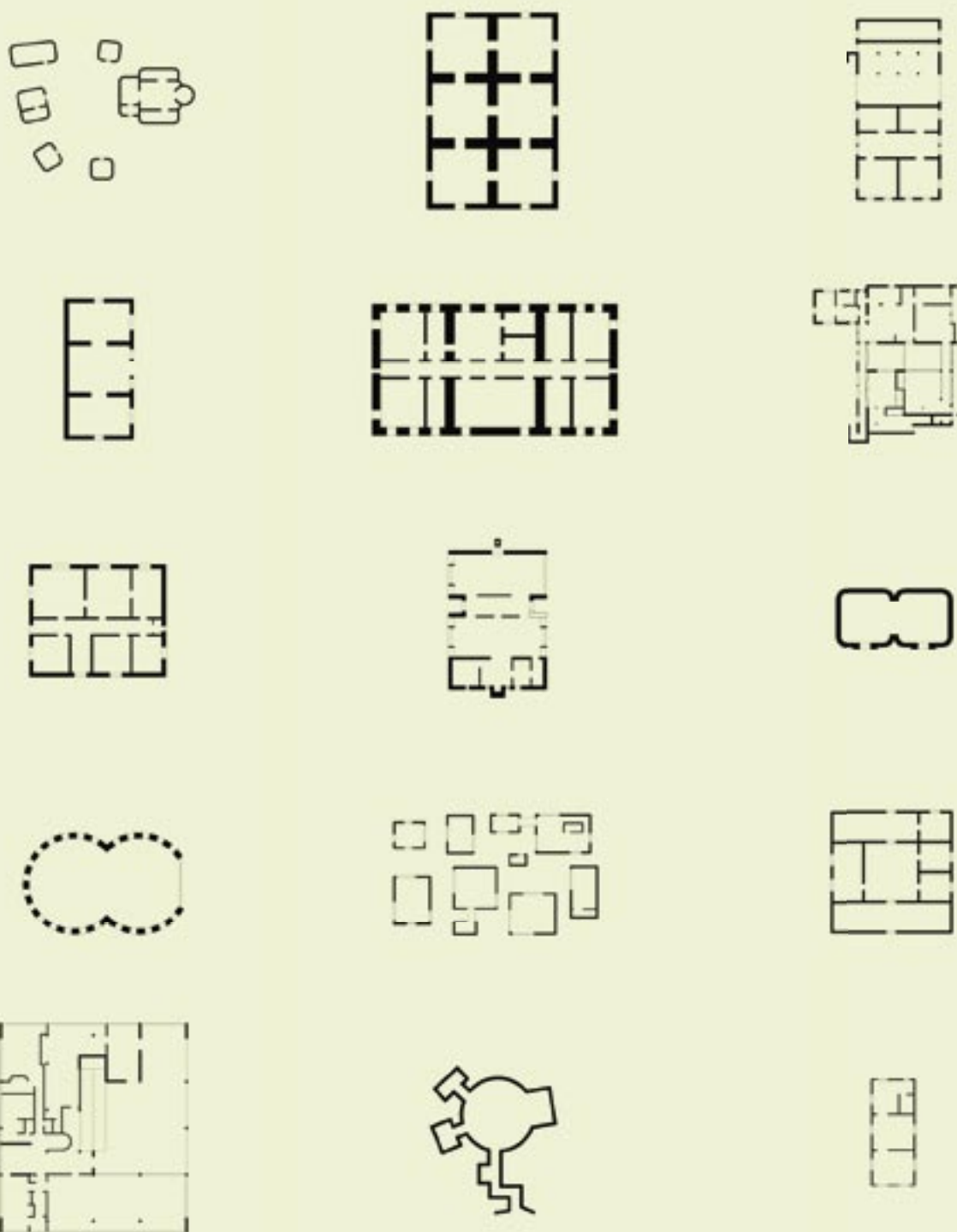
2 PORTA



As tradicionais portas das nossas casas, uma porta de entrada principal e uma porta de serviço nas traseiras, foram complementadas por novas portas. Enquanto a porta principal continua a funcionar como representação da casa à escala local, as casas são cada vez mais representadas pela sua vista aérea, através de novas tecnologias tal como o google earth. Os smartphones dizem-nos exactamente a que distância nos encontramos da cobertura da casa que queremos visitar. Esta "porta de entrada" na cobertura precisa de ser desenhada. Tal como as Palm Islands no Dubai, tudo o que interessa é um fácil

reconhecimento no google earth. No entanto, todas as portas físicas das nossas casas são ultrapassadas por uma porta digital que confunde a hierarquia na privacidade e intimidade que poderemos querer implementar. Momentos privados podem ser partilhados ao vivo por todo o mundo, e pessoas num mesmo espaço nem sequer têm necessidade de interagir fisicamente para estarem socialmente activas. Os nossos espaços tradicionais de vivência estão a ser contaminados por novas portas. Como lidar com isso?

3 PARTIÇÃO



A partição não é um obstáculo. Constitui apenas um mecanismo (como a porta, janela ou a mobília) definidor do espaço. A disposição específica destes mecanismos articula as relações humanas – a partição é reveladora de um contexto social mais amplo.

Ao longo de várias épocas e lugares, surgiram idênticas condições reflectindo diferentes normativas social e culturalmente aceites. A mesma construção arquitectónica pode albergar múltiplas interacções. O obstáculo não é

a partição, mas o contexto social. Não é uma questão de reinventar partições (ou mesmo fazê-las desaparecer), mas sim de saber o como, o quando, o onde e o porquê da utilização de uma partição.

Lista de plantas em ordem aleatória:
Casa rural chinesa, Villa Savoye de Le Corbusier, casa-celeiro na Suíça, habitação Dogon no Mali, casa Colleshill em Berkshire de Sir Roger Pratt, casa colmeia na Sérvia, casa tradicional japonesa, casa "shoigun" em New Orleans, casa Fisher de Louis Kahn, casa malaisa, casa Moriyama dos SANAA, casa troglodita, casa Moller de Adolf Loos, casa de Konstantin Melnikov, planta para casa utópica de Will Alsop.

4
CANO DE ESGOTO

O salário mínimo em Portugal é de 485€/mês, enquanto o salário médio é de apenas 867,5€/mês. O casal "médio" X ganha 1750€/mês. Com muito esforço e determinação, esse casal poderá poupar 20% do que auferir - 350€/mês -, ou seja, 5.000€/ano! (pensamos positivo: excluímos hipotecas e juros, e incluímos subsídios de férias e de natal!) Por outro lado, segundo os indicadores de mercado, o valor médio para compra de habitação em Lisboa era em Maio de 2011 de 2.250€/m², ou seja, um ano inteiro de esforço de poupança equivale à aquisição de 2.22 m² de casa/ano. Fufiltriados por uma necessidade artificial, jovens casais, imberbes arquitetos e virazes promotores já pegam a locuam destes bens de superfluo. Arautos da loucura especulativa somos todos nós. No decurso da nossa evolução, fomos segregando as atividades e destinando funções: na casa que julgamos desejar, convocamos um espaço apenas para entrar em casa, outro para urinar, outro para lavar, outro para dormir, outro para sentar, outro para comer, etc. Cada um desses espaços independentes representa uma parca rotunda dentro das metas que nos podemos permitir alcançar no período da nossa vida. Os WC's representam 4 anos! Somos hoje escravos destas mesmas autoimpostas limitações. Estabeleçamos então, com honestidade intelectual, uma nova unidade de medida no nosso mercado habitacional: convertamos os aparentemente inócuos m² em ANOS DE POUPANÇA. Posto isto, consideremos outras melhores metas para os nossos gastos; comecemos a jogar ao MINGLE; o jogo dos que decidiram abdicar de hall's, corredores e casas de banho e os distribuíram pela casa.



uma "casa-qualquer" à venda em Lisboa em Julho de 2011



Área (dita) Util Total: 83,5m²
Área (m) Util Total: 16,6anos

Área (dita) Util Total: 187,50m²
Área (m) Util Total: 37,500anos

Área (dita) Util Total: 38 anos
Área (m) Util Total: 8 anos

DEPUIS NA SALA DE JANTAR,
COME NO QUARTO,
TOMA DUCHES NA VARANDA,
LAVA-TE NA COZINHA,
LEVA UM BACIO PARA A CAMA.

FAZ O AMOR NA CASA TODA,
CONVIDA OS VIZINHOS.

VIVE EM MENOS ESPAÇO,

VIVE MAIS TEMPO.

8 ANOS DA MINHA VIDA PARA COMPARAR CORREDORES E CASAS DE BANHO!
TIME to MINGLE



Convidado a jantar deve sentar-se à mesa, nem de costas voltadas para ela, nem ao colo de outro comensal / Nem deve pôr as pernas em cima da mesa / Nem se deve sentar debaixo da mesa por qualquer tempo que seja / Não deve pôr a cabeça em cima do prato para comer / Não deve tirar comida do vizinho, sem primeiro lhe pedir autorização / Não deve colocar no prato do vizinho partes desagradáveis ou semimastigadas da sua própria comida, sem primeiro lhe pedir autorização / Não deve limpar a face às vestes do vizinho / Nem usar a sua face à mesa para trincar / Não deve retirar comida da mesa, colocá-la na boca ou uma tova para consumo ulterior / Não deve dar dentadas nos frutos que se encontram na frigideira, saltando depois a comida à tua mesa / Não deve cuspir na frigideira do teu Amo / Nem ao vizinho / Não deve dar palpões às miçocas do vizinho / Não deve fumar fufos, resfrescos ou bidar com a boca / Não deve



revirar os olhos ou fazer caretas assustadoras / Não deve meter o dedo na tampa ou no ouvido durante a conversação / Não deve treinar-se na arte da pantomima em cima da mesa / Não deve tanger alaúde ou qualquer outro instrumento que possa importunar o vizinho / Não leve cantar, nem fazer discursos, nem proferir improperios, e ainda menos lançar a vizinhos lascivas quando a seu lado se encontrar uma dama / Não deve conspirar à mesa / Não deve fazer propostas obscenas aos pais do meu Amo, nem refolear com os corpos deles / Nem deve pegar fogo ao vizinho enquanto se encontra à mesa / Não deve agredir um serviçal (a menos que seja em defesa própria) / E se sentir vontade de vomitar que abandone a mesa. Tal como se tiver de urinar.

Tradução de António de Almeida Faria, 1977. O Livro do Conde de Castela, Madrid, 1575. Edição de António de Almeida Faria, 1977.



5 MOBÍLIA

É fundamental pensar na mobília como um obstáculo em relação à arquitectura de uma unidade de habitação. A questão crucial é saber como é que a nossa percepção e compreensão da arquitectura é desafiada pela existência da mobília, e perceber o que a mobília realmente provoca na arquitectura? Num passado próximo, tínhamos ainda duro vs suave, modular vs estático, escola vs cultura, identidade vs homogeneidade, etc, com base numa lógica de distinções binárias. Contudo, pensando nisso de forma mais inteligente, a mobília pode ter um papel muito mais interessante e intrigante. É a arquitetura tomando variadas formas, relacionando-se com a ela própria, mas ao mesmo tempo hipermodificada de uma forma quase delirante. Pode ser um obstáculo, mas também pode ser um acelerador e modificador, pode ser um meio de continuidade e de posições-eventos de fragmentação, pode ser mensurável e identificável, ou pode ser funcional/difuncional num plano completamente separado de entidades objectivadas.

Pensemos na mobília como um sistema em si, sempre preso no interior. No entanto, a sua presença modifica o interior de forma produtiva, aumenta e melhora a relação com a forma, bem como a relação com a função, que a arquitectura impõe. Pensando na casa como um contentor com superfícies interiores e exteriores, a mobília teria assim que se constituir nalgum tipo de membrana interna que mantivesse a adaptabilidade do todo e que reforçasse as potencialidades do seu programa. Tal como a experiência de vida mostra, esta torna-se altamente interactiva e, por definição, adaptativa, contendo uma espécie de infinitas possibilidades que lhe permitem deformar e resistir na presença de várias forças externas.

A mobília é também segura e habitualmente reconhecível. É quotidiana e, como tal, precisa de ser constantemente reinventada. Do ponto de vista do utilizador, torna-se um ponto de referência a partir do qual se vai negociar o desenho arquitectónico. Também se transforma num meio, que funciona segundo ritmos próprios por forma a produzir novas formas de experimentar o pensamento arquitectónico. Poderia ser designada como uma espécie

de portal, tanto como uma virtualidade e uma abstracção com realidade materialista, que podemos usar de várias formas para experimentar, compreender e combinar para criar efeitos e produzir eventos. Movendo-a e movendo-nos em torno dela, pode explicar muito sobre uma história biogramatical da vivência no espaço.

Mais do que forma visual e configuração, a mobília mostra a maneira como experienciamos a casa, como temos tendência a fazer as coisas, e ainda como temos o hábito de refletir sobre nós próprios. Isto poderá proporcionar uma realidade hiperdimensional, ao mudar e alterar o nosso sentido de orientação, desafiando a capacidade do nosso cérebro para encontrar topologicamente o seu rumo. Permite escolher novas dinâmicas à medida que navegamos através de uma representação cognitiva do espaço existente, e perceber a relação perversa das conectividades no espaço e no tempo.

A sua disposição perturba a ordem. Cria diferentes ordens, mais íntimas mas também mais abstractas, um tipo de orientação em fluxo contínuo, como habitualmente conectamos a micro-configuração espacial do interior multi-direccional com as regras de forma geralmente aceites e as coordenadas do espaço como habitualmente as entendemos. Isto caracteriza a sua hiperdimensionalidade, uma qualidade que produz um excesso de efeitos sobre determinada espacialidade.

Portanto, poderíamos entender mais a mobília como uma tecnologia e uma ferramenta. Não uma ferramenta de design, mas do poder do cérebro, um ponto de ligação num sistema mais amplo de funções cerebrais que determinam a infraestrutura da casa, a negociação do seu espaço e, mais importante, uma conexão histórica entre matéria e acção. Trata-se de um acontecimento que desencadeia reacções e processos de pensamento, libertando informação em catadupa, combinando sentidos, tempos e dimensões em superfícies materiais. Como tal, são reviravoltas que abordam as formas e funções existentes e futuras, movimentos e possibilidades, e operam como tecnologias de experiências emergentes.



MAQUETE EM FORMA DE CONCLUSÃO



A conclusão aparece sob a forma de uma casa destinada a ser habitada por um pequeno grupo: numa escala entre a casa individual e edifício colectivo define-se um novo agregado familiar.

A continuidade doméstica substitui a compartimentação. Os diferentes níveis estabelecem uma falsa hierarquia adulterada pela ocupação programática e simbólica de cada plataforma. Uma experiência de transição e

circulação, simultaneidade de acções e programa/função.

O interior, que substitui a fachada como elemento representativo e mediador, revela ainda os últimos vestígios de um quotidiano distante: camas, sanitas, degraus, a mesa-cozinha, a banheira colectiva.

A casa, que sobreviveu ao contexto, mantém com este uma âncora infraestrutural, por pudor e nostalgia.

FORA

OS 5 OBSTÁCULOS DA ARQUITECTURA

Os 5 obstáculos da arquitectura foram elaborados por:



1. JANELA

Os arquitectos de origem grega e polaca **Alexandros Gerousis** (1) e **Aleksandra Kizskielis** (2) vivem e trabalham em Atenas.

www.alexandrosgerousis.com

2. PORTA

Carolina Sumares (3) + **Rik den Heijer** (4) criaram em 2010 o Studio Dois em Roterdão. Actualmente, vivem e trabalham em São Paulo.

www.studiodois.eu

3. PARTIÇÃO

Beth Hughes (5), arquitecta australiana, após trabalhar 4 anos na OMA, estabeleceu o seu próprio estúdio em Atenas.

www.beth-hughes.com/

4. CANO DE ESGOTO

André Albuquerque (6), é arquitecto e em pequenino queria ser "presidente" de Lisboa. No entanto, foi para Madrid por 6 meses, e 6 anos depois lá continua....

5. MOBÍLIA

Vassilis Oikonomopoulos (7), estabelecido em Atenas, é curador e investigador nos campos da arte e da arquitectura.

Créditos:

Fág. 171: "Un Chant D'Amour", Jean Genet, 1950.

Fág. 175: "Saló, o lo 120 giornate di Sodoma", de Pier Paolo Pasolini 1975.

Fág. 176: "Dogville", Lars Von Trier, 2003.

E editados por:

FORA é um colectivo de arquitectura formado entre Lisboa e Atenas, fundado em 2009 por **João Faguiha** (8), **Raquel Oliveira** (9) e **João Ruivo** (10). O escritório funciona em permanente colaboração com outros profissionais na elaboração de projectos de arquitectura e urbanismo no contexto europeu.

O trabalho tem como tema de investigação permanente a relação entre o domínio público e o privado, explorando a natureza ambigua da arquitectura como última ferramenta social na era das redes sociais digitais, e o território desenhado pelas fronteiras a várias escalas que unem o indivíduo com o colectivo.

O escritório foi premiado em diversos concursos internacionais, entre os quais se destaca "Upto35", para a construção de uma residência de estudantes no centro de Atenas.



18 Steps

1º prémio concurso internacional
Residência de estudantes
Atenas, 2010



Eu hei-de amar o meu bairro

2º prémio concurso internacional
European 10
Lisboa, 2010



Esc. Sec. Mem Martins 2

1º prémio concurso internacional
Inovação e qualidade em espaços
escolares, Mem Martins, 2010



Plateia Theatrou

2º prémio concurso internacional
Renovação urbana
Atenas, 2010



Gösta Museum

concurso internacional
Extensão do museu existente
Manttä, 2011

Contacto:

Grécia

11741 Athens

Falirou 66

+30 69 58273836

+30 21 30048077

Portugal

1200-659 Lisboa

Rua da Esperança 132 1º

+351 91 7938291

+351 93 7745190

escritorio@for-a.eu

<http://www.for-a.eu/>